

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2023 - Estado da Questão

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, César Neves e Andrea Martins
Design gráfico e paginação: Paulo Freitas

ISBN: 978-972-9451-98-0

Edição: Associação dos Arqueólogos Portugueses, CEAACP, CEIS2o e IA-FLUC
Lisboa, 2023

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Planta das ruínas de Conímbriga. © Museu Nacional de Conímbriga



Apoio Institucional:



Índice

- 15 Prefácio
José Morais Arnaud
- 1. Pré-História**
- 19 O potencial informativo dos *Large Cutting Tools*: o caso de estudo da estação paleolítica do Casal do Azemel (Leiria, Portugal)
Carlos Ferreira / João Pedro Cunha-Ribeiro / Eduardo Méndez-Quintas
- 33 PaleoTejo – Uma rede de trabalho para a investigação e para o património relacionado com os Neandertais e pré-Neandertais
Telmo Pereira / Luís Raposo / Silvério Figueiredo / Pedro Proença e Cunha / João Caninas / Francisco Henriques / Luiz Oosterbeek / Pierluigi Rosina / João Pedro Cunha-Ribeiro / Cristiana Ferreira / Nelson J. Almeida / António Martins / Margarida Salvador / Fernanda Sousa / Carlos Ferreira / Vânia Pirata / Sara Garcês / Hugo Gomes
- 45 A indústria lítica de malhadinhas e o seu enquadramento no património acheulense do vale do Tejo
Vânia Pirata / Telmo Pereira / José António Pereira
- 61 O Abrigo do Lagar Velho revisitado
Ana Cristina Araújo / Ana Maria Costa / Montserrat Sanz / Armando Lucena / Joan Daura
- 75 Contributo para o conhecimento das indústrias líticas pré-históricas do litoral de Esposende (NW de Portugal)
Sérgio Monteiro-Rodrigues
- 95 À volta da fogueira na pré-história: análise às estruturas de combustão do Sul de Portugal – a Praia do Malhão (Odemira)
Ana Rosa
- 105 O projecto LandCraft. A intervenção arqueológica no abrigo das Lapas Cabreiras
João Muralha Cardoso / Mário Reis / Bárbara Carvalho / Lara Bacelar Alves
- 119 A ocupação pré-histórica de Monte Novo: local de culto e de habitat
Mário Monteiro / Anabela Joaquinoto
- 135 A formalização de espaços públicos durante o Calcolítico no Alto Douro Português: as Grandes Estruturas Circulares do Castanheiro do Vento (V. N. de Foz Côa)
Ana Vale / João Muralha Cardoso / Sérgio Gomes / Vítor Oliveira Jorge
- 149 Em busca da colecção perdida (1): Vila Nova de São Pedro no Museu Municipal de Vila Franca de Xira
César Neves / José Morais Arnaud / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 167 De casa em casa: novos dados sobre o sítio pré-histórico do Rio Seco/Boa-Hora (Ajuda, Lisboa)
Regis Barbosa
- 179 Um contributo para o estudo das Pontas Palmela das «Grutas de Alcobaça»
Michelle Teixeira Santos / Cátia Delicado / Isabel Costeira
- 195 Monte da Ponte (Évora): Um cruzamento entre o positivo e o negativo?
Inês Ribeiro
- 203 Peças antropomórficas da necrópole megalítica de Alto de Madorras. Abordagem preliminar ao seu estudo e valorização no âmbito do Projecto TSF – Murça
Maria de Jesus Sanches / Maria Helena Barbosa / Nuno Ramos / Joana Castro Teixeira / Miguel Almeida

- 219 Apontamentos sobre o monumento megalítico da Bouça da Mó 2, Balugães, Barcelos (Noroeste de Portugal)
Luciano Miguel Matos Vilas Boas
- 227 A Mamoia 1 do Crasto, Vale de Cambra. Um monumento singular
Pedro Manuel Sobral de Carvalho
- 241 À conversa com os ossos: População do Neolítico Final/Calcolítico da Lapa da Bugalheira, Torres Novas
Helena Gomes, Filipa Rodrigues, Ana Maria Silva
- 253 Dos ossos, cacos, pedras e terra à leitura detalhada das práticas funerárias no 3º milénio a.C.: o caso do Hipogeu I do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja)
Maria João Neves
- 267 Os sepulcros da Pré-História recente da Quinta dos Poços (Lagoa): contextos e cronologias
António Carlos Valera / Lucy Shaw Evangelista / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 285 Quinta dos Poços (Lagoa): Dados biológicos e práticas funerárias dos Sepulcros da Pré-História Recente
Lucy Shaw Evangelista / Eduarda Silva / Sofia Nogueira / António Carlos Valera / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 299 Everything everywhere? Definitely not all at once. Uma aproximação inicial às práticas de processamento de macrofaunas da Pré-História recente do Centro e Sul de Portugal
Nelson J. Almeida / Catarina Guinot / António Diniz
- 313 Um sítio, duas paisagens: a exploração de recursos vegetais durante o Mesolítico e a Idade do Bronze na Foz do Medal (Baixo Sabor, Nordeste de Portugal)
João Pedro Tereso / María Martín Seijo / Rita Gaspar
- 327 Análise isotópica estável ($\Delta^{13}C$) em sedimentos de sítios arqueológicos
Virgínia Lattao / Sara Garcês / Hugo Gomes / Maria Helena Henriques / Elena Marrocchino / Pierluigi Rosina / Carmela Vaccaro
- 333 Sobre a presença de sílex na Praia das Maçãs (Sintra)
Patrícia Jordão / Nuno Pimentel
- 345 Lost & Found. Resultados dos trabalhos de prospecção arqueológica realizados no vale do Carvalhal de Aljubarrota (Alcobaça, Leiria)
Cátia Delicado / Leandro Borges / João Monte / Bárbara Espírito Santo / Jorge Lopes / Inês Sofia Silva
- 357 Análise dos padrões de localização das grutas arqueológicas da Arrábida
João Varela / Nuno Bicho / Célia Gonçalves
- 365 Novos testemunhos de ocupação pré-histórica na área da ribeira de Santa Margarida (Alto Alentejo): notícia preliminar
Ana Cristina Ribeiro

2. Proto-História

- 377 Dinâmicas de Povoamento durante a Idade do Bronze no Centro da Estremadura Portuguesa: O Litoral Atlântico Entre as Serras d'Aires e Candeeiros e de Montejunto
Pedro A. Caria
- 389 Novos dados sobre os povoados do Bronze Final dos Castelos (Beja) e Laço (Serpa) no âmbito do Projeto Odyssey. Contributos a partir de um levantamento drone-LiDAR
Miguel Serra / João Fonte / Tiago do Pereiro / Rita Dias / João Hipólito / António Neves / Luís Gonçalves Seco
- 401 Metais do Bronze Final no Ocidente Ibérico. O caso dos machados de alvado a sul do rio Tejo
Marta Gomes / Carlo Bottaini / Miguel Serra / Raquel Vilaça
- 411 Dois Sítios, um ponto de situação. Primeiros resultados dos trabalhos nos Castros de Ul e Recarei em 2022
João Tiago Tavares / Adriaan de Man

- 425 Reflexões acerca dos aspetos técnicos e tecnológicos dos artefactos de ferro do Bronze Final / Ferro Inicial no território português
Pedro Baptista / Ralph Araque Gonzalez / Bastian Asmus / Alexander Richter
- 439 Resumo de resultados do projeto IberianTin (2018-22) e resultados iniciais do projeto Gold. PT (2023-)
Elin Figueiredo / João Fonte / Emmanuelle Meunier / Sofia Serrano / Alexandra Rodrigues
- 451 À volta da Pedra Formosa. Estudo do Balneário Este da Citânia de Briteiros
Gonçalo Cruz
- 463 Intercâmbio no primeiro milénio A.C., no litoral, entre os estuários dos rios Cávado e Ave
Nuno Oliveira
- 481 Castro de Guifões: elementos para a reconstituição paleogeográfica e compreensão da ocupação antiga do sítio
Andreia Arezes / Miguel Almeida / Alberto Gomes / José Varela / Nuno Ramos / André Ferreira / Manuel Sá
- 493 O Castro da Madalena (Vila Nova de Gaia) no quadro da ocupação proto-histórica da margem esquerda do Douro
Edite Martins de Sá / António Manuel S.P. Silva
- 507 Uma cabana com vista para o rio, no Sabugal da Idade do Ferro
Inês Soares / Paulo Pernadas / Marcos Osório
- 519 Cerca do Castelo de Chão do Trigo (S. Pedro do Esteval, Proença-a-Nova): resultados de três campanhas de escavações (2017-2019)
Paulo Félix
- 533 Instrumentos e artes de pesca no sítio proto-histórico de Santa Olaia (Figueira da Foz)
Sara Almeida / Raquel Vilaça / Isabel Pereira
- 549 Sobre a influência da cerâmica grega nas produções de cerâmica cinzenta do estuário do Tejo: um vaso emblemático encontrado nas escavações arqueológicas do Largo de Santa Cruz (Lisboa)
Elisa de Sousa / Sandra Guerra / João Pimenta / Roshan Paladugu
- 563 *To buy fine things*: trabalhos e perspectivas recentes sobre o consumo de importações mediterrâneas no Sul de Portugal durante o I milénio a.n.e.
Francisco B. Gomes
- 575 Arquiteturas orientais em terra na fronteira atlântica: novas abordagens do Projecto #BuildinginNewLands
Marta Lorenzon / Benjamín Cutillas-Victoria / Elisa Sousa / Ana Olaio / Sara Almeida / Sandra Guerra
- 585 Frutos, cultivos e madeira no Castro de Alvarelhos: a arqueobotânica do projeto CAESAR
Catarina Sousa / Filipe Vaz / Daniela Ferreira / Rui Morais / Rui Centeno / João Tereso

3. Antiguidade Clássica e Tardia

- 599 A propósito de machados polidos encontrados em sítios romanos do território português e a crença antiga nas “pedras de raio”
Fernando Coimbra
- 611 Unidades Organizativas e Povoamento no Extremo Ocidental da *Civitas* Norte-Lusitana dos *interannienses*: um ensaio
Armando Redentor / Alexandre Canha
- 625 As Termas Romanas da Quinta do Ervedal (Castelo Novo, Fundão)
Joana Bizarro
- 633 Paisagem rural, paisagem local: os primeiros resultados arqueológicos e arqueobotânicos do sítio da Terra Grande (*civitas Igaeditanorum*)
Sofia Lacerda / Filipe Vaz / Cláudia Oliveira / Luís Seabra / João Tereso / Ricardo Costeira da Silva / Pedro C. Carvalho

- 649 Recontextualização dos vestígios arqueológicos do *forum* de Coimbra. Uma leitura a partir da comparação tipo-morfológica
Pedro Vasco de Melo Martins
- 665 Sítio do Antigo (Torre de Vilela, Coimbra): uma possível *villa* suburbana de *Aeminiium*
Rúben Mendes / Raquel Santos / Carmen Pereira / Ricardo Costeira da Silva
- 679 A fachada norte da Casa dos Repuxos (Conímbriga): resultados das campanhas de 2021 e 2022
Ricardo Costeira da Silva / José Ruivo / Vítor Dias
- 693 Intervenções Arqueológicas em Condeixa-a-Velha no âmbito das ações do Movimento para a Promoção da Candidatura de Conímbriga a Património Mundial da Unesco
Pedro Peça / Miguel Pessoa / Pedro Sales / João Duarte / José Carvalho / Fernando Figueiredo / Flávio Simões
- 707 O sítio arqueológico de São Simão, Penela
Sónia Vicente / Flávio Simões / Ana Luísa Mendes
- 723 O sítio arqueológico da Telhada (Vermoil, Pombal)
Patrícia Brum / Mariana Nabais / Margarida Figueiredo / João Pedro Bernardes
- 731 *Górgona* – um *corpus* de *opus sectile* na Lusitânia
Carolina Grilo / Lídia Fernandes / Patrícia Brum
- 741 *Villa* romana da Herdade das Argamassas. Delta, motivo de inspiração secular. Do mosaico ao café
Vítor Dias / Joaquim Carvalho / Cornelius Meyer
- 755 A Antiguidade Tardia no Vale do Douro: o exemplo de Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó)
Tony Silvino / Pedro Pereira / Rodolphe Nicot / Laudine Robin / Yannick Teyssonneyre
- 771 A Arqueologia Urbana em Braga: oportunidades e desafios. O caso de estudo da rua Nossa Senhora do Leite, n^{os} 8/10
Fernanda Magalhães / Luís Silva / Letícia Ruela / Diego Machado / Lara Fernandes / Eduardo Alves / Manuela Martins / Maria do Carmo Ribeiro
- 785 Balneário romano de São Vicente (Penafiel): projeto de revisão das estruturas construídas e do contexto histórico-arqueológico do sítio
Silvia González Soutelo / Teresa Soeiro / Juan Diego Carmona Barrero / Jorge Sampaio / Helena Bernardo / Claus Seara Erwelein
- 801 Um contexto cerâmico tardo-antigo da Casa do Infante (Porto)
João Luís Veloso / Paulo Dordio Gomes / Ricardo Teixeira / António Manuel S. P. Silva
- 815 Trabalhos arqueológicos no Patarinho (Santa Comba Dão, Viseu): caracterização de uma pequena área de produção vinícola no vale do Dão em época alto-imperial
Pedro Matos / João Losada
- 831 Sobre a ocupação tardia da *villa* da Quinta da Bolacha – estudo de um contexto de ocupação da casa romana
Vanessa Dias / Gisela Encarnação / João Tereso
- 843 Os materiais do sítio romano de Eira Velha (Miranda do Corvo) como índice cronológico das suas fases de construção
Inês Rasteiro / Ricardo Costeira da Silva / Rui Ramos / Inês Simão
- 859 Cerâmica de importação em *Talabriga* (Cabeço do Vouga, Águeda)
Diana Marques / Ricardo Costeira da Silva
- 873 Revisão dos objetos ponderais recuperados na antiga *Conimbriga* (Condeixa-a-Nova, Coimbra)
Diego Barrios Rodríguez / Cruces Blázquez Cerrato
- 885 O conjunto de pesos de tear do sítio romano de Almoínhas
Martim Lopes / Paulo Calaveiras / José Carlos Quaresma / Joel Santos

- 901 *A terra sigillata* e a cerâmica de cozinha africana na cidade de Lisboa no quadro do comércio do ocidente peninsular – O caso do edifício da antiga Sede do Banco de Portugal
Ana Beatriz Santos
- 915 Análise (im)possível dos espólios arqueológicos do sítio do Mascarro (Castelo de Vide, Portugal)
Sílvia Monteiro Ricardo
- 931 Reconstruindo a paisagem urbana de Braga desde a sua fundação até à cidade medieval: as ruas como objeto de estudo
Leticia Ruela / Fernanda Magalhães / Maria do Carmo Ribeiro
- 941 A dinâmica viária no vale do Rabagão: a via XVII e o contributo dos itinerários secundários
Bruno Dias / Rebeca Blanco-Rotea / Fernanda Magalhães
- 953 Resultados das leituras geofísicas de Monte dos Castelinhos, Vila Franca de Xira
João Pimenta / Tiago do Pereiro / Henrique Mendes / André Ferreira
- 965 *Loca sacra*: Para uma topografia dos lugares simbólicos no atual Alentejo em época romana
António Diniz
- 977 Mosaicos da área de influência de *Pax Ivlia*
Maria de Fátima Abraços / Licínia Wrench
- 993 A exploração de pedras ornamentais na Lusitânia: Primeiros dados de um estudo em curso
Gil Vilarinho

4. Época Medieval

- 1009 A necrópole da Alta Idade Média do Castro de São Domingos (Lousada, Portugal)
Paulo André Pinho Lemos / Manuel Nunes / Bruno M. Magalhães
- 1025 A transformação e apropriação do espaço pelos edifícios rurais, entre a Antiguidade Tardia e a Idade Média, no troço médio do vale do Guadiana (Alentejo, Portugal)
João António Ferreira Marques
- 1037 A reconfiguração do espaço rural na Alta Idade Média. Análise dos marcadores arqueológicos no Alto Alentejo
Rute Cabriz / Sara Prata
- 1047 O Castelo de Vale de Trigo (Alcácer do Sal): dados das intervenções arqueológicas
Marta Isabel Caetano Leitão
- 1061 Convento de Nossa Senhora do Carmo de Moura, um conjunto de silos medievais islâmicos: dados preliminares de uma das sondagens arqueológicas de diagnóstico
Vanessa Gaspar / Rute Silva
- 1075 Potes meleiros islâmicos – Contributo para o estudo da importância do mel na Idade Média
Rosa Varela Gomes
- 1085 Luxos e superstições – registos de espólio funerário e outras materialidades nas necrópoles islâmicas no Gharb al-Andalus
Raquel Gonzaga
- 1097 A Necrópole Islâmica do Ribat do Alto da Vigia, Sintra
Alexandre Gonçalves / Helena Catarino / Vânia Janeirinho / Filipa Neto / Ricardo Godinho
- 1115 O inédito pavimento Cisterciense da cidade de Évora
Ricardo D'Almeida Alves de Morais Sarmento
- 1129 Do solo para a parede: a intervenção arqueológica no Pátio do Castilho n.º 37-39 e a(s) Torre(s) de Almedina da muralha(s) de Coimbra
Susana Temudo

- 1145 Utensílios cerâmicos de uma cozinha medieval islâmica no espaço periurbano de al-Ushbuna (1ª metade do séc. XII)
Jorge Branco / Rodrigo Banha da Silva
- 1159 O convento de S. Francisco de Real na definição da paisagem monástico-conventual de Braga, entre a Idade Média e a Idade Moderna
Francisco Andrade
- 1169 “Ante o cruzeiro jaz o mestre”: resultados preliminares da escavação do panteão da Ordem de Santiago (séculos XIII – XVI) localizado no Santuário do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal)
Ana Rita Balona / Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain
- 1181 Produções cerâmicas da Braga medieval: cultura e agência material
Diego Machado / Manuela Martins
- 1197 Agricultura e paisagem em Santarém entre a Antiguidade Tardia e o Período Islâmico a partir das evidências arqueobotânicas
Filipe Vaz / Luís Seabra / João Tereso / Catarina Viegas / Ana Margarida Arruda

5. Época Moderna

- 1215 A necrópole medieval e moderna de Benavente: resultados de uma intervenção de Arqueologia Preventiva
Joana Zuzarte / Paulo Félix
- 1229 Rua da Judiaria – Castelo de Vide: Aspetos gerais da intervenção arqueológica na eventual Casa do Rabino
Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos / Susana Rodrigues Cosme
- 1239 A coleção de estanho de Esposende
Elisa Maria Gomes da Torre e Frias-Bulhosa
- 1253 *Três barris num campo de lama*: dados preliminares para o estudo da vitivinicultura na cidade de Aveiro no período moderno
Diana Cunha / Susana Temudo / Pedro Pereira
- 1269 Aveiro como centro produtor de cerâmica: os vestígios da oficina olárica identificada na Rua Capitão Sousa Pizarro
Vera Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado
- 1283 A Casa Cordovil: contributo para o conhecimento de Évora no Período Moderno
Leonor Rocha
- 1295 Reconstruir a Cidade: o pré e o pós-terramoto na Rua das Escolas Gerais, nº 61 (Lisboa)
Susana Henriques
- 1305 Lazareto, fortaleza e prisão: arqueologia do Presídio da Trafaria (Almada)
Fabián Cuesta-Gómez / Catarina Tente / Sérgio Rosa / André Teixeira / Francisca Alves Cardoso / Sílvia Casimiro
- 1319 Conhecer o quotidiano do Castelo de Palmela entre os séculos XV e XVIII através dos artefactos metálicos em liga de cobre
Luís F. Pereira
- 1331 Um forno de cerâmica do início da Época Moderna na Rua Edmond Bartissol, Setúbal
Victor Filipe / Eva Pires / Anabela Castro
- 1341 A necrópole da Igreja Velha do Peral (Proença-a-Nova)
Anabela Joaquineto / Francisco Henriques / Francisco Curate / Carla Ribeiro / Nuno Félix / Fernando Robles Henriques / João Caninas / Hugo Pires / Paula Bivar de Sousa / Carlos Neto de Carvalho / Isabel Gaspar / Pedro Fonseca
- 1357 A materialização da morte em Bucelas entre os séculos XV e XIX. Rituais, semiótica e simbologias
Tânia Casimiro / Dário Ramos Neves / Inês Costa / Florbela Estevão / Nathalie Antunes-Ferreira / Vanessa Filipe

- 1369 Ficam os ossos e ficam os anéis: objetos de adorno e de crença religiosa da necrópole do Convento dos Lóios, Lisboa
João Miguez / Marina Lourenço
- 1379 “Não ha sepultura onde se não tenham enterrado mais de dez cadáveres”: as valas comuns de época moderna da necrópole do Hospital dos Soldados (Castelo de São Jorge, Lisboa), uma prática funerária de recurso
Carina Leirião / Liliana Matias de Carvalho / Ana Amarante / Susana Henriques / Sofia N. Wasterlain
- 1391 Estudo tafonómico de uma coleção osteológica proveniente da Igreja da Misericórdia em Almada
Maria João Rosa / Francisco Curate
- 1403 Variabilidade formal e produtiva da cerâmica moderna na cidade de Braga: estudo de caso
Lara Fernandes / Manuela Martins / Maria do Carmo Franco Ribeiro
- 1415 Representações femininas na faiança portuguesa de Santa Clara-a-Velha: desigualdade, subalternização, emancipação
Inês Almendra Castro / Tânia Manuel Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1427 Poder, família, representação: a heráldica na faiança de Santa Clara-a-Velha
Danilo Cruz / Tânia Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1437 A Chacota de Faiança a uso e o significado social do seu consumo em Lisboa, nos meados-finais do século XVII: a amostragem do Hospital dos Pescadores e Mareantes de Alfama
André Bargão / Sara da Cruz Ferreira / Rodrigo Banha da Silva
- 1445 Algumas considerações sobre os artefactos em ligas metálicas descobertos no Palácio Sant’Anna em Carnide, Lisboa
Carlos Boavida / Mário Monteiro
- 1461 Os cachimbos cerâmicos dos séculos XVII e XVIII do Palácio Almada-Carvalhais (Lisboa)
Sara da Cruz Ferreira / André Bargão / Rodrigo Banha da Silva / Tiago Nunes
- 1469 Tróia fumegante. Os cachimbos cerâmicos modernos do sítio arqueológico de Tróia
Miguel Martins de Sousa / Tânia Manuel Casimiro / Filipa Araújo dos Santos / Mariana Nabais / Inês Vaz Pinto
- 1483 Um copo para muitas garrafas. Algumas palavras sobre um conjunto de vidros modernos e contemporâneos encontrados na Praia da Alburrica (Barreiro)
Carlos Boavida / António González
- 1495 *A Gran Principessa di Toscana*, um naufrágio do século XVII no Cabo Raso (Cascais)
Sofia Simões Pereira / Francisco Mendes / Marco Freitas
- 1503 Condições ambientais e contexto arqueológico na margem estuarina de Lisboa: dados preliminares da sondagem ESSENTIA (Av. 24 de Julho | Rua Dom Luís I)
Margarida Silva / Ana Maria Costa / Maria da Conceição Freitas / José Bettencourt / Inês Mendes da Silva / Tiago Nunes / Mónica Ponce / Jacinta Bugalhão
- 1517 Evolução ambiental do estuário do Rio Cacheu, Guiné-Bissau: dados preliminares
Rute Arvela, Ana Maria Costa, Maria da Conceição Freitas, Rui Gomes Coelho
- 1525 Extrair informação cultural de madeiras náuticas: uma experiência em Lisboa
Francisco Mendes / José Bettencourt / Marco Freitas / Sofia Simões Pereira
- 1535 Ferramentas, carpinteiros e calafates a bordo da fragata *Santo António de Taná* (Mombaça, 1697)
Patrícia Carvalho / José Bettencourt
- 1547 Parede 1, Carcavelos 12 e Carcavelos 13: três naufrágios da Guerra Peninsular?
José Bettencourt / Augusto Salgado / António Fialho / Jorge Freire
- 1555 Estudo zooarqueológico e tafonómico de um silo de época moderno-contemporânea da Casa Cordovil, Évora
Catarina Guinot / Nelson J. Almeida / Leonor Rocha

- 1569 Uma aproximação à Arqueologia de Paisagem: a paisagem fluvial e as dimensões da sua exploração, comunicação e ocupação
Patricia Alho / Vanda Luciano
- 1575 Dos Arquivos ao Trabalho de Campo: o Estudo da Fortaleza de Santa Catarina de Ribamar (Portimão)
Bruna Ramalho Galamba
- 1583 Palácio Vaz de Carvalho, a diacronia de um sítio: da Pré-História à Contemporaneidade
Anabela Sá / Inês Mendes da Silva
- 1595 *Um olhar sobre o passado*: apresentação dos resultados de uma intervenção arqueológica na Figueira da Foz
Bruno Freitas / Sérgio Gonçalves / André Donas-Botto
- 1607 Todos os metros contam, 200 mil anos num quarteirão? O caso das Olarias de Leiria
Ana Rita Ferreira / André Donas-Botto / Cláudia Santos / Luís Costa

6. Época Contemporânea

- 1625 Navios de ferro: contributos para uma abordagem arqueológica aos naufrágios de Idade Contemporânea em Portugal
Marco Freitas / Francisco Mendes / Sofia Simões Pereira
- 1637 *Das peles e dos rebites*: o processo de inventariação arqueológica da Central do Biel e da Fábrica de Curtumes do Granjo (Vila Real)
Pedro Pereira / Fernando Silva
- 1649 Seminário Maior de Coimbra: o contributo da arqueologia num espaço em reabilitação
Constança dos Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado / Gina Dias
- 1663 Paradigmas de Preservação e Valorização do Património Monumental nas Linhas de Torres Vedras. Abordagem às intervenções realizadas no Forte da Archeira (Torres Vedras), no Forte 1.º de Suberra e na Bateria Nova de Suberra (Vila Franca de Xira)
João André Perpétuo / Miguel Martins de Sousa / João Ramos
- 1677 Pavimentos em mós na arquitetura saloia: novos dados na Amadora
Nuno Dias / Catarina Bolila / Vanessa Dias / Gisela Encarnação
- 1685 O Tejo e a industrialização: como Lisboa “invadiu” o rio no século XIX
Inês Mendes da Silva
- 1695 As Alcaçarias do Duque. A redescoberta dos últimos banhos públicos de Alfama
Filipe Santos
- 1709 Memorial da Serralharia – Arqueologia do Passado Recente no Hospital de São José
João Sequeira / Carlos Boavida / Afonso Leão
- 1723 *kana, fornadja y kumunidadei*: Um caso de estudo da produção e transformação da cana sacarina na Ribeira dos Engenheiros (Ilha de Santiago)
Nireide Pereira Tavares
- 1735 Personagens Escondidas: À procura das emoções esquecidas das mulheres na indústria portuguesa. Uma análise arqueológica através de novas materialidades
Susana Pacheco / Joel Santos / Tânia Manuel Casimiro
- 1747 Sós mas não Esquecidos. Por uma Arqueologia da Solidão
Joel Santos / Susana Pacheco

7. Arte Rupestre

- 1761 O projeto First-Art (*Extension*): determinação cronológica e caracterização dos pigmentos nas fases iniciais da Arte Rupestre Paleolítica
Sara Garcês / Hipólito Collado / Hugo Gomes / Virginia Lattao / George Nash / Hugo Mira Perales / Diego Fernández Sánchez / José Julio Garcia Arranz / Pierluigi Rosina / Luiz Oosterbeek

- 1771 Mais perto da conclusão: novo ponto da situação da prospecção e inventário da arte rupestre do Côa
Mário Reis
- 1787 Propostas metodológicas para a conservação dos sítios com Pinturas Rupestres da Pré-História recente no Vale do Côa
Vera Moreira Caetano / Fernando Carrera / Lara Bacelar Alves / António Batarida Fernandes / Teresa Rivas / José Santiago Pozo-Antonio
- 1801 Alguma cor num fundo de gravura: principais conjuntos da pintura pré-histórica do Vale do Côa
Lara Bacelar Alves / Andrea Martins / Mário Reis
- 1815 Desde a crista, olhando para o Tejo – os abrigos com pintura esquemática do Pego da Rainha (Mação, Portugal)
Andrea Martins
- 1841 Gravuras rupestres da rocha 2 da Lomba do Carvalho (Almaceda, Castelo Branco).
Informação empírica e hipóteses interpretativas
Mário Varela Gomes
- 1859 Um novo olhar sobre as gravuras de labirintos: o caso do Castelinho (Torre de Moncorvo, Portugal)
Andreia Silva / Sofia Figueiredo-Persson / Elin Figueiredo
- 1875 Os seixos incisos da Idade do Ferro de São Cornélio (Sabugal, Alto Côa)
Luís Luís / Marcos Osório / André Tomás Santos / Anna Lúcia Vitale / Raquel Vilaça
- 1891 Entre topónimos e lendas. Explicações das sociedades rurais para o fenómeno podomórfico do nordeste de Trás-os-Montes
José Moreira
- 1905 Os grafitos molinológicos ou a realidade (in)visível das moagens hidráulicas tradicionais: resultados da aplicação de um inédito roteiro metodológico (Lousada, Norte de Portugal)
Manuel Nunes / Paulo André P. Lemos

8. Arqueologia Pública, Comunicação e Didática

- 1923 Património Mundial e Valor Social: Uma Investigação sobre os Sítios Pré-históricos de Arte Rupestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde
José Paulo Francisco
- 1931 Parque Arqueosocial do Andakatu em Mação. Boas práticas para a sustentabilidade e disseminação do conhecimento científico
Hugo Gomes / Sara Garcês / Luiz Oosterbeek / Pedro Cura / Anabela Borralheiro / Rodrigo Santos / Sandra Alexandre
- 1943 Vila Nova de São Pedro e a Arqueologia Pública – a consolidação de um projecto através dos agentes da sua história
José M. Arnaud / Andrea Martins / César Neves / Mariana Diniz
- 1963 O Monumento Pré-histórico da Praia das Maças (Sintra): atividades de divulgação e educação patrimonial realizadas no âmbito das recentes escavações arqueológicas
Eduardo Porfírio / Catarina Costeira / Teresa Simões
- 1979 A Idade do Bronze como ferramenta de Educação e Divulgação em Arqueologia – O Projeto Outeiro do Circo 2022-2023
Sofia Silva / Eduardo Porfírio / Miguel Serra
- 1993 Arqueologia Pública: a Festa da Arqueologia como caso de estudo
Carla Quirino / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 2013 Open House Arqueologia – a aproximação da disciplina científica aos cidadãos
Lídia Fernandes / Carolina Grilo / Patrícia Brum
- 2025 “Cada cavadela sua minhoca”: Arqueologia Pública e Comunicação através do caso de estudo do Largo do Coreto e envolvente em Carnide (Lisboa)
Ana Caessa / Nuno Mota

- 2037 Grupo CIGA: comunicar e divulgar a cerâmica islâmica
Isabel Inácio / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes / Sofia Gomes / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Marco Liberato / Gonçalo Lopes / Constança Santos / Jacinta Bugalhão / Helena Catarino / Sandra Cavaco
- 2047 O Forte de São João Batista da Praia Formosa: a recuperação virtual e a reconstrução da memória
Diogo Teixeira Dias / Sérgio Gonçalves
- 2059 Entre a Universidade e a profissão: A experiência de um Estágio Curricular narrada na primeira pessoa
Mariana Santos
- 2069 A Arqueologia e os seus Públicos: relação dos Arqueólogos com os outros Cidadãos no âmbito da Contemporaneidade
Florabela Estêvão / Vítor Oliveira Jorge
- 2079 Arqueologia e Comunicação na era da Big Data: do sítio arqueológico ao registo de monumentos e paisagens. Será este um dia FAIR?
Ariele Câmara / Ana de Almeida / João Oliveira / Daniel Marçal
- 2091 Exposição de Arte-Arqueologia: Artefactos do Descarte
Pedro da Silva / Inês Moreira

9. Historiografia e Teoria

- 2103 Pré-História e “Antropologia Cultural”: repensar esta interface
Vítor Oliveira Jorge
- 2115 “Onde está o Wally?” Representações de mulheres nos museus de Pré-História
Sara Brito
- 2125 “Criei o hábito de geralmente ignorar”: sexismo, assédio e abuso sexual em Arqueologia
Liliana Matias de Carvalho / Sara Simões / Sara Brito / Jacinta Bugalhão / Miguel Rocha / Mauro Correia / Regis Barbosa / Raquel Gonzaga
- 2137 O ensino da Arqueologia em Portugal
Jacinta Bugalhão
- 2149 O Grupo Pró-Évora e o curso de arqueologia de 1968: uma primeira aproximação ao tema
Ana Cristina Martins
- 2161 Andanças na Arqueologia Urbana da Cidade de Coimbra: Um Historial de Duas Décadas do Processo Metro Mondego
António Batarda Fernandes
- 2177 Peixes de Água Doce e Migradores de Portugal: Sistematização da Informação Zooarqueológica
Miguel Rodrigues / Filipe Ribeiro / Sónia Gabriel
- 2191 Extração de Conhecimento em Arqueologia: primeiros resultados da aplicação a dados portugueses
Ivo Santos
- 2199 A Igreja do Carmo de Lisboa: um exemplo de arqueologia vertical com 600 anos
Célia Nunes Pereira

10. Gestão, Valorização e Salvaguarda do Património

- 2215 A simplificação legislativa e os desafios à atividade arqueológica
Gertrudes Branco
- 2223 IPA / IGESPAR, IP / DGPC – Extensão de Torres Novas: 25 anos
Sandra Lourenço / Gertrudes Zambujo / Cláudia Manso
- 2239 O futuro do Património Arqueológico Subaquático: Uma perspetiva através do ensino
Adolfo Silveira Martins / Alexandra Figueiredo / Cláudio Monteiro / Adolfo Miguel Martins

- 2245 **Recomendações de Boas-Práticas em Arqueologia de Ambientes Húmidos**
Ana Maria Costa / Cândida Simplício / Cristóvão Fonseca / Jacinta Bugalhão / João Pedro Tereso / José Bettencourt / José António Gonçalves / Miguel Lago / Pedro Barros / Rodrigo Banha da Silva
- 2261 **A inventariação e georreferenciação do Património Cultural Marítimo no *Endovélico***
Pedro Barros / Jacinta Bugalhão / Gonçalo C. Lopes / Cristóvão Fonseca / Pedro Caleja / Filipa Bragança / Sofia Pereira / Ana Sofia Gomes
- 2273 **A piroga monóxila Lima 7 e os desafios que o rio nos apresenta**
José António Gonçalves / João Marrocano
- 2291 **A paisagem marítima do litoral do Minho. Uma primeira aproximação à paisagem económica de Viana do Castelo**
Tiago Silva
- 2301 **O projeto TURARQ – Turismo Arqueológico para a compreensão da cultura e das interações ambientais**
Hugo Gomes / Sara Garcês / Marco Martins / Anícia Trindade / Douglas O. Cardoso / Eduardo Ferraz / Luiz Oosterbeek
- 2307 **Tecnologias de Detecção Remota aplicadas ao Descritor do Património: da prática à reflexão**
Gabriel Pereira / Nuno Barraca / Mauro Correia / Gustavo Santos
- 2321 **Procedimentos a adotar na manipulação de materiais arqueológicos para análises de resíduos orgânicos: as práticas instituídas e os equívocos**
César Oliveira
- 2331 **Arqueologia da Arquitetura aplicada ao estudo dos espaços construídos: uma metodologia de análise**
Eduardo Alves / Rebeca Blanco-Rotea
- 2343 **Almada Velha: um projeto municipal de gestão arqueológica**
André Teixeira / Sérgio Rosa / Telmo António / Rodrigo Banha da Silva / João Gonçalves Araújo / Eva Pires / Beatriz Calapez Santos / Fátima Alves / Francisco Curate / Leonor Medeiros / Joana Esteves / Alexandra P. Rodrigues / André Bargão / Joana Mota
- 2357 **Um projeto de Arqueologia atlântica: a ERA na Madeira**
Arlette Figueira / Miguel Lago
- 2365 **Abordagens Interdisciplinares para o Estudo Histórico e Arqueológico do Património Têxtil: Experiências e Perspetivas da Ação COST EuroWeb**
Catarina Costeira / Francisco B. Gomes / Paula Nabais / Alina Iancu
- 2381 **Umhas termas debaixo dos vossos pés: o Projeto de Estudo e Valorização do Criptopórtico Romano de Lisboa (CRLx)**
Nuno Mota / Ana Caessa
- 2393 **Arqueologia Urbana no Município de Coimbra**
Sérgio Madeira / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Raquel Santo
- 2407 **A Cidade como ponto de (Re)encontro com o seu território**
Raquel Santos / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Sérgio Madeira
- 2419 **Os antigos sistemas de gestão de água de Coimbra: características formais e estado da arte**
Paulo Morgado / Sónia Filipe
- 2433 **Ecologias da liberdade: materialidades da escravidão e pós-emancipação no mundo atlântico. Um projeto em curso em Portugal e na Guiné-Bissau**
Rui Gomes Coelho / Ana Maria Costa / João Tereso / Maria da Conceição Lopes / Maria da Conceição Freitas / Patrícia Mendes / Rute Arvela / Sandra Gomes / Sara Simões / Sónia Gabriel
- 2441 **Centro Interpretativo do Urbanismo e da História do Crato – Resultados da intervenção arqueológica**
Susana Rodrigues Cosme / Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos

“CRIEI O HÁBITO DE GERALMENTE IGNORAR”¹: SEXISMO, ASSÉDIO E ABUSO SEXUAL EM ARQUEOLOGIA

Liliana Matias de Carvalho², Sara Simões³, Sara Brito⁴, Jacinta Bugalhão², Miguel Rocha³, Mauro Correia³, Regis Barbosa³; Raquel Gonzaga³

RESUMO

A profissionalização da arqueologia portuguesa levou à necessidade de caracterização do sector. Seguindo estudos realizados noutros países, pretende-se: analisar comportamentos sexistas e de assédio/abuso sexual em Arqueologia; compreender as consequências destas práticas a nível pessoal/profissional.

Em 2021 o Sindicato dos Trabalhadores de Arqueologia, elaborou um inquérito de modo a aferir práticas de sexismo/assédio/abuso sexual em ambiente profissional/académico na arqueologia portuguesa. Os resultados são preocupantes, denotando falta de consciencialização sobre o tema, ausência de códigos de conduta e ineficácia dos canais de denúncia. As vítimas têm dificuldade em prosseguir no trabalho em Arqueologia, vendo afetadas a sua saúde/vida pessoal. Pretendeu-se discutir as relações de poder baseadas no género e incentivar a criação de protocolos de prevenção, fundamentais para uma Arqueologia segura, justa e igualitária.

Palavras-chave: Arqueologia Profissional; Sexismo; Assédio e Abuso Sexual; Direitos Laborais; Códigos de conduta.

ABSTRACT

“I habitually ignored”: sexism, harassment, and sexual abuse in Archeology.

As Portuguese archaeology became more professional, the sector needed to be characterized. Based on international studies, the aim is to examine sexist behavior and incidents of sexual harassment/abuse within Archaeology and assess their impact on both personal/professional levels.

A 2021 survey by the Sindicato dos Trabalhadores de Arqueologia assessed incidents of sexism/harassment/sexual abuse in Portuguese archaeology. The results are concerning, indicating a lack of knowledge about the topic, the absence of ethical guidelines, and ineffective methods for reporting. Victims often struggle to pursue a career in archaeology due to the impact it can have on their health and personal life. The discussion aimed to tackle gender-based power dynamics and establish prevention protocols for a fair and safe field of archaeology.

Keywords: Professional Archaeology; Sexism; Sexual Harassment and Abuse; Labor Rights; Codes of conduct.

1. INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, a Arqueologia enquanto área científica e sector económico, tem vindo a evoluir para uma maior profissionalização, surgindo a ne-

cessidade de desenvolver estudos para caracterizar as várias realidades do sector.

A segunda onda feminista, no Ocidente, ocorreu entre 1960 e cerca de 1985. Contudo, apenas nos anos 90 os investigadores olharam mais atentamente para

1. Citação de resposta livre ao Inquérito, sobre práticas de sexismo, assédio e abuso sexual no âmbito do trabalho em arqueologia.

2. STARQ – Sindicato dos Trabalhadores de Arqueologia; University of Coimbra, Research Centre for Anthropology and Health, Department of Life Sciences, Calçada Martim de Freitas, 3000-456 Coimbra, Portugal /starq.arqueologia@gmail.com / liliana_m_carvalho@yahoo.com.br

3. STARQ – Sindicato dos Trabalhadores de Arqueologia; UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.

4. STARQ – Sindicato dos Trabalhadores de Arqueologia / starq.arqueologia@gmail.com

as questões de género nos meios académico e laboral (Mann & Huffman, 2005). Este lapso temporal poderá relacionar-se com a proximidade do objeto de estudo e com o facto de a maioria dos altos cargos académicos ser ocupada por homens. Consideraram-se como outras causas os obstáculos à progressão na carreira académica e os hábitos preconceituosos e discriminatórios de citação e de inclusão em círculos de investigação (Hart, 2006; Hinsley & alii, 2017; Holleran & alii, 2011; Isbell & alii, 2012; Kabla-Langlois, 2016; McGuire & alii, 2012; Miliniak & alii, 2013; Mitchell & alii, 2013; Monk & alii, 2004; vandenBrink, 2015; Wenneras and Wold, 1997). Surgem então alguns estudos sobre áreas com dupla componente, académica e comercial/industrial (Carr & alii, 2016; Holleran & alii, 2011; Isbell, 2012; Komaromy & alii, 1993; McGuire & alii, 2012; Monk & alii, 2004).

Os estudos sobre sexismo na Academia indicam que este afeta negativamente a permanência e progressão de mulheres nas suas carreiras (Settles & alii, 2006). No entanto, com exceção da área da medicina (Carr & alii, 2016; Komaromy & alii, 1993; Settles & alii, 2006), somente no início do século XXI começaram a surgir estudos específicos sobre assédio sexual nos locais de trabalho. A maioria destes trabalhos baseou-se em inquéritos aos trabalhadores, nos quais eram questionados sobre assédio no local de trabalho e se sentiam que tinham sido alvo de práticas de assédio laboral ou sexual. Os resultados foram constantes e transversais às diversas áreas científicas: as mulheres reportaram valores mais elevados de assédio sexual que os homens. Também foi observado que, apesar da frequência do assédio, as denúncias eram pouco frequentes (Carr & alii, 2016; Komaromy & alii, 1993).

Em 2017, foi publicada uma análise pioneira que revelava a existência de sexismo nas universidades portuguesas (Pereira, 2017). O estudo revelou a crescente consciência da necessidade de combater desigualdades e que o discurso oficial da Academia Portuguesa se tornava tendencialmente mais igualitário. Contudo, revelou também que essa tendência ainda convivia com uma persistente cultura não-oficial marcadamente sexista. Recentemente, foi publicado um artigo denunciando as experiências de assédio sexual e moral que as suas autoras sofreram numa instituição de investigação portuguesa, o que levou a que o tema tivesse ganho intensa expressão mediática e pública, causando maior impacto e

impondo a necessidade de tomada de medidas concretas (Viaene & alii, 2023). A polémica gerada por esta denúncia conduziu a uma maior exposição de temas pouco falados anteriormente na comunicação social, tais como: campanhas de sensibilização; adoção de códigos de conduta e boas práticas para a prevenção do assédio moral/sexual em contexto académico; necessidade de canais de denúncia eficazes e a criação de mecanismos de avaliação ágeis e independentes.

Relativamente à Arqueologia, foram sendo desenvolvidos estudos internacionais – sobretudo no Ocidente – sobre assédio sexual (Clancy & alii, 2014; Coltofean-Arizancu & alii, 2023; Coto-Sarmiento, 2020; Mary & alii, 2019; Meyers & alii, 2015; Radde, 2018), com amplo impacto sobre investigadores e profissionais. Exposições, como “Arqueo-sexism” (Mary & alii, 2019), simpósios e mesas redondas sobre o tema, com divulgação na imprensa generalista e especializada (Bohannon, 2013; Clancy, 2012a, 2012b, 2013; Coto-Sarmiento, 2020; Grens, 2019; Jahren, 2014; Ossola, 2014; Simmonds, 2014; Urry, 2014), despoletaram a denúncia de casos de assédio em reuniões ou centros de investigação universitários (Kilgrove, 2019; Wade, 2019). O estudo mais recente analisou, quantitativa e qualitativamente, situações de *HABI* (*Harassment, Assault, Bullying and Intimidation*, termo utilizado para referir assédio, agressão, *bullying* e intimidação) na arqueologia europeia e revelou que estas situações são comuns em toda a Europa e, como tal, a sua prevenção deve ser abordada através de um conjunto de medidas, protocolos, formação e outras ações, coordenados a nível europeu (Coltofean-Arizancu & alii, 2023).

No que respeita à Arqueologia em Portugal, o STARQ (Sindicato dos Trabalhadores de Arqueologia), empreendeu o primeiro estudo de caracterização do sexismo, assédio e abuso sexual no sector. O inquérito promovido em 2021 foi dirigido a profissionais e estudantes, com o objetivo de: 1) analisar comportamentos sexistas, de assédio e de abuso sexual no contexto da Arqueologia, tanto no ambiente profissional como académico; e 2) compreender as consequências destes comportamentos a nível pessoal (saúde física e mental, qualidade das relações interpessoais, entre outros) e a nível profissional (tais como progressão na carreira e bem estar no trabalho). Neste artigo, apresentam-se os resultados do inquérito e as conclusões possíveis nesta fase do conhecimento, enquadrados nos vários estudos in-

ternacionais sobre género e abuso, tanto no campo académico como profissional.

2. CONCEITOS

O inquérito do STARQ visou caracterizar comportamentos e práticas de sexismo, assédio e abuso sexual em Arqueologia, em Portugal, baseando-se para tal nas definições institucionais dos termos.

Para “sexismo” foi utilizada a definição proposta pelo European Institute for Gender Equality (EIGE)⁵ para prevenir e combater práticas sexistas, em face da inexistência de uma definição internacionalmente acordada. Quanto ao “assédio sexual”, adotou-se a definição da CITE (Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego)⁶, segundo a qual, assédio sexual, é todo o comportamento indesejado de carácter sexual, sob forma verbal, não-verbal ou física, com o objetivo ou efeito de perturbar ou constranger a pessoa, afetar a sua dignidade, ou de lhe criar um ambiente intimidativo, hostil, degradante, humilhante ou desestabilizador. Finalmente, “abuso

sexual”, foi caracterizado segundo a definição da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV)⁷.

3. MÉTODOS

Para avaliar a presença de sexismo, assédio e abuso sexual na Arqueologia em Portugal, em ambiente de trabalho académico, técnico-administrativo e empresarial, foi elaborado um questionário dirigido a qualquer pessoa que estuda ou já estudou Arqueologia e exerce ou já exerceu profissão no âmbito da Arqueologia. O inquérito *online* foi criado no site “Google forms”, formato que permite ampla divulgação e a proteção da identidade dos inquiridos. O inquérito decorreu entre abril e junho de 2021 e a resposta a cada questão era facultativa.

No que concerne ao tratamento estatístico, cada variável foi analisada quanto à sua frequência (absoluta e relativa) e distribuição. Os dados foram tratados usando o programa IBM.SPSS® (versão 20). As respostas abertas foram objeto de análise qualitativa e de conteúdo, de forma a contextualizar, explicar e sublinhar os resultados obtidos.

4. RESULTADOS

Foram validadas 263 respostas ao inquérito, embora o total de respostas a cada questão, por serem facultativas, tenha variações. Registaram-se 61,5% respostas do género feminino (n=161) e 36,6% do género masculino (n=96). Identificou-se com género não-binário/outro 1,9% (n = 5) da amostra.

Os inquiridos tinham entre 19 e 71 anos de idade, sendo que 71% (n=181) se concentrava entre os 26 e os 45 anos. O grau académico mais frequente é o mestrado (47,5%, n=124), seguido da licenciatura (33,3%, n=87). Quando questionados sobre a sua posição atual, os inquiridos identificam-se como “arqueólogo/a” (44%, n=114), investigadores/as (17,4%, n=45) e estudantes de licenciatura ou mestrado (16,2% (n= 42). Sobre as instituições com que trabalhavam, os inquiridos referiram, essencialmente, trabalho em empresa de arqueologia (32,2%, n=144), universidade/centro de investigação (30,2%, n=134) e município (20,5%, n=91).

7. Abuso sexual: “Abuso ou agressão sexual é qualquer tipo de violência de natureza sexual cometida contra outra pessoa, incluindo relação sexual forçada, nudez forçada, carícias não apropriadas ou beijos forçados.” (APAV, recurso online).

5. Sexismo: “Qualquer ato, gesto, imagem, discurso oral ou escrito, prática ou comportamento que tenha por base a crença na inferioridade de uma pessoa ou grupo de pessoas, devido ao sexo, podendo ser um ato público ou privado que poderá: 1 – Violar a dignidade ou direitos de uma pessoa ou grupo de pessoas; 2 – Causar danos físicos, sexuais, psicológicos ou socioeconómicos a uma pessoa ou grupo de pessoas; 3 – Criar um ambiente intimidativo, hostil, degradante, humilhante ou ofensivo; 4 – Constituir uma barreira à autonomia ou realização integral de direitos humanos de uma pessoa ou grupo de pessoas (como por exemplo discriminação com base na maternidade/parentalidade); 5 – Manter ou reforçar estereótipos quanto ao género” (EIGE, recurso online).

6. Assédio sexual: “É um comportamento de carácter intencional e sistemático, designadamente: 1. Repetir sistematicamente observações sugestivas, piadas ou comentários sobre a aparência ou condição sexual; 2. Enviar reiteradamente desenhos animados, desenhos, fotografias ou imagens de Internet, indesejados e de teor sexual; 3. Realizar telefonemas, enviar cartas, SMS ou e-mails indesejados, de carácter sexual; 4. Promover o contacto físico intencional e não solicitado, ou excessivo, ou provocar abordagens físicas desnecessárias; 5. Enviar convites persistentes para participação em programas sociais ou lúdicos, quando a pessoa visada deixou claro que o convite é indesejado; 6. Apresentar convites e pedidos de favores sexuais associados a promessa de obtenção de emprego ou melhoria das condições de trabalho, estabilidade no emprego ou na carreira profissional, podendo esta relação ser expressa e direta ou insinuada” (CITE, recurso online).

Relativamente à representatividade da amostra, salienta-se o desconhecimento do universo (constituído por todos os que estudam/estudaram Arqueologia e/ou que exercem/exerceram atividade profissional em Arqueologia em Portugal). Considerando que em 2021 estariam em atividade no país entre 1.200 e 1.400 arqueólogos (Disco, 2014, p. 19; Bugalhão, 2021, p. 376), estima-se que a amostra do presente estudo represente cerca de 10% do universo. O género feminino está ligeiramente sobre representado, uma vez que os estudos indicam valores relativos ligeiramente superiores a 50% para as arqueólogas/estudantes de Arqueologia; o género masculino está ligeiramente sub-representado na amostra (Disco, 2014, p. 31; Bugalhão, 2021, pp. 178 e 227).

Em relação à idade, verifica-se uma média etária de 35 anos, em linha com a média etária de 36/37 anos da maioria dos arqueólogos em atividade em 2014 (Disco, 2014, p. 36; Bugalhão, 2021, p. 269). Em relação aos dados para arqueólogos em 2014, o subgrupo dos 26-35 anos apresenta-se sub-representado na amostra, em cerca de 10%; e o subgrupo dos 36-45 anos apresenta-se sobre representado em cerca 9%, podendo corresponder a uma tendência de envelhecimento do universo já diagnosticada (Bugalhão, 2021, p. 216).

Quanto ao nível habilitacional, os valores relativos de licenciados são inferiores aos registados em 2014 (Disco, 2014, p. 39; Bugalhão, 2021, p. 307) e os de mestres /doutores superiores, tendência já verificada de qualificação académica crescente na arqueologia portuguesa.

Em relação ao tipo de instituição com as quais os inquiridos afirmaram trabalhar, é problemática a comparação com os dados conhecidos para o enquadramento institucional do trabalho profissional dos arqueólogos. A amostra revela características já conhecidas da arqueologia portuguesa, quanto à instabilidade, volatilidade e versatilidade do trabalho (Bugalhão, 2021, p. 346), uma vez que na maioria das respostas os inquiridos referem ter trabalhado com diversos tipos de instituições. Muito embora os valores de referência usados e o universo inquirido não sejam exatamente idênticos e as questões apresentadas também diverjam, as instituições mais representadas coincidem: empresas de arqueologia, universidades/unidades de investigação e municípios (Bugalhão, 2021, p. 349).

Considerando apenas as variáveis mencionadas e apesar das muitas lacunas de conhecimento sobre os

descritores fundamentais da arqueologia portuguesa, considera-se que a amostra revelada no inquérito é bastante representativa do universo em estudo.

4.1. Sexismo

Quando questionados diretamente, a quase totalidade dos inquiridos (93,5%, n=244) afirmou conhecer e saber reconhecer situações de sexismo (Fig.1).

O sexismo no ambiente de trabalho em Arqueologia foi avaliado a partir de duas questões: “Acha que existem diferenças entre homens/mulheres no tratamento, distribuição de tarefas e abordagem no ambiente de trabalho?” e, mencionando a definição da CITE para sexismo (ver supra, Conceitos) “Considera já ter sido alvo de uma situação/ambiente de trabalho sexista?”. Dois terços (69%, n=180) dos inquiridos referiu ter trabalhado em local de trabalho que privilegia o sexo masculino (ou seja, machista) e 68,3% (n=179) assumiu já ter sido alvo de comportamento sexista no seu local de trabalho (Fig. 2).

Vários relatos retratam circunstâncias de assédio sexual e de um ambiente laboral sexista: “Já presenciei conversas em equipas só de homens sobre colegas do sexo feminino que me deixaram pouco à-vontade. No meu caso em particular, uma colega estava constantemente a implicar com o meu trabalho (...) chegando por vezes a justificar pelo facto de ser do sexo masculino ou, no caso de me recusar, relacionava esse facto com a minha orientação que não é, de todo, a mais heteronormativa”, “Para evitar (...) assédio, mudei hábitos de locomoção até o trabalho, evito falar com operários das obras, evito a identificação da pronúncia brasileira do meu português.” ou “Trabalhadores de obra que emitem comentários sobre as mulheres, convidam para sair. Engenheiros, arquitetos que não tomam em conta o que diz a Arqueóloga por ser mulher”. Sobre situações de gravidez e maternidade: “Foi muito difícil ultrapassar o sentimento de ser inferior. Não me terem sido dadas as mesmas oportunidades de progredir, aprender, assumir novas responsabilidades foi bastante prejudicial em termos curriculares”, “(...) já me reduziram o prémio em 30% por ter gozado licença de maternidade mesmo tendo conseguido cumprir todos os objetivos”, “já fiquei excluída de um trabalho por estar grávida” ou “deixei de ser aumentada com a desculpa de que era mãe e por isso pagava menos IRS que os meus pares”. O sexismo é sentido também no meio académico, particularmente em contexto de ensino: “Chamarem-me burra indiretamente (mas

de forma perceptível o suficiente para se levantarem risos abafados) em plena aula. Questionarem se de facto estava bem (em tom de gozo) em Arqueologia por ter as unhas arranjadas. Serem tão paternalistas comigo a meio duma aula por não terem percebido a pergunta que fiz, que me estavam a explicar as coisas como se fosse acéfala, estava a ser tão mau que um colega meu interveio e pôs um travão (na altura senti que não podia dizer nada porque seria vista como mal-educada/histórica). Desde este último acontecimento nunca mais me voltei a sentar na fila da frente daquela aula”.

4.2. Assédio sexual

Quando questionados sobre o reconhecimento de situações de assédio sexual, 95,4% (n=249) dos inquiridos afirmaram conseguir identificar essa situação específica (“Não”, 1,5%, n=4; “Não sei”, 3,1%, n=8).

Em relação ao assédio sexual no local de trabalho, foi perguntado: “Com que frequência observou/ouviu outros colegas de trabalho a fazerem comentários inapropriados ou sexuais?” “Esse comportamento foi considerado pouco frequente por 32,8% (n=86) dos entrevistados e frequente por 32,4% (n=85).

Quando questionados sobre a experiência de situações de assédio sexual⁸, 66,9% (n=174) respondeu positivamente (Fig.3). Numa observação mais atenta das respostas segmentadas por idade, verifica-se que é nos inquiridos entre os 26 e 45 anos que se verificam mais respostas positivas (nos > 65 anos todas as respostas foram negativas). A maioria das vítimas era do género feminino (66,7%, n=116), no entanto 31,6% (n=55) de indivíduos masculinos e 1,7% (n=3) de não binários também foram alvo de assédio sexual no local de trabalho.

Aos inquiridos que responderam já terem sido vítimas de assédio sexual em contexto laboral foram colocadas algumas questões para avaliar as circunstâncias em que ocorreu a/s situação/ões de assédio. Sobre quem foi o autor do episódio de assédio (173 respostas) a situação mais frequente foi a que foi provocado por um “colega de trabalho em situação de igualdade hierárquica” (57,2%, n=99), seguida de por “alguém externo à equipa de trabalho” (53,2%, n=92) (Fig.4). O assediador era geralmente do gé-

nero masculino (84,7%, n=150). As respostas mostraram (era uma pergunta que permitia respostas múltiplas) que alguns entrevistados foram assediados em várias ocasiões de trabalho por diferentes assediadores, em concreto, aos 173 entrevistados que relataram ter sido assediados, correspondem, pelo menos, 337 situações de assédio.

Quando se questionou as vítimas sobre a sua situação/cargo de trabalho no momento do assédio, a maioria era estudante de licenciatura (22,4%, n=39), seguindo-se “técnicos ou assistentes de campo” (13,8%, n=24). Por fim, as vítimas de assédio foram questionadas sobre o relato do assédio, sendo que 71,2% (n=126) referem não ter reportado por inexistência de mecanismos de denúncia no seu local de trabalho.

Para além de estruturalmente presentes, os casos de assédio sexual são visíveis e afetam toda a equipa, deixando um lastro de implicações psicológicas que se traduzem na perda de profissionais: “Tenho algum receio de trabalhar sozinha com homens no geral, (...) em escavações de verão houve alguns momentos menos bons, particularmente num cenário em que um professor tirava fotografias às alunas enquanto trabalhavam, em diferentes “poses” sem elas saberem (...). Estas (...) situações têm imenso impacto na minha vida e na minha saúde mental. Alterei a forma como me visto para não ser minimamente “desejável”, mesmo que isso implique passar imenso calor e me dificulte o trabalho. São inclusivamente questões que me fazem querer mudar de carreira.” Ou “vários trabalhadores da construção civil demonstram comportamentos impróprios e linguagem ofensiva perante a mulher. Fui muitas vezes assediada, sendo tal sido considerado como um elogio. Atiram-me água para me ir embora porque “estava a distrair os homens” e “não os deixava fazer o trabalho deles”. O constante assédio sexual a que um arqueólogo é sujeito ao longo da sua carreira resulta num desgaste psicológico. Nenhuma denúncia realizada é alguma vez levada a sério”. A in consequência das denúncias e não atuação por partes dos empregadores, professores ou técnicos de higiene e segurança é constantemente mencionada, acrescentando um sentimento de stress, vergonha e desproteção à vítima: “Fui assediada durante cerca de 6 meses pelo manobrador que acompanhava. Fiz queixa ao meu coordenador, ao encarregado da obra e à engenheira responsável. Ninguém fez nada para alterar a situação. Um dia pedi a um colega para tro-

8. “Já experimentou comentários inapropriados ou sexuais, nomeadamente aparência física, diferenças cognitivas relacionadas aos sexos, comentários homofóbicos ou outras piadas enquanto trabalhava em arqueologia?”

car comigo, já não conseguia lidar com a situação. Quando a minha coordenadora descobriu, obrigou-me a voltar para a minha frente inicial e continuar a trabalhar com o manobrador em questão. Todos os dias era constantemente abordada com convites, piadas inapropriadas e pressão psicológica. A pessoa em questão espalhou por toda a obra que tínhamos um caso. Todos os dias recebia dezenas de chamadas e mensagens do mesmo. Chegou ao ponto, em que nem sequer saía de casa sozinha, com medo de me cruzar com ele na rua. Na altura, estava sozinha, longe de casa e sem ninguém a quem pedir ajuda. Pedi várias vezes para mudar de obra, como não o fizeram, acabei por me despedir”.

4.3. Abuso ou agressão sexual

Em relação ao abuso/agressão sexual no local de trabalho, foi perguntado: “Já experimentou contato físico, sexual, sexual indesejado ou contato sexual em que não pode dar ou não deu consentimento, achou que seria inseguro negar ou não dar consentimento no trabalho em arqueologia?”, tendo 14,4% (n=38) dos inquiridos respondido positivamente. As vítimas representavam 16% (n=26) dos inquiridos do género feminino, 10,4% (n=10) do masculino e 40% (n=2) dos indivíduos não-binários. Quando as respostas são segmentadas por idade verifica-se que apenas responderam positivamente profissionais até aos 45 anos de idade (Fig.5).

Quando se questionaram as vítimas sobre a sua situação/cargo profissional no momento da agressão sexual, a maioria era estudante de licenciatura/mestrado (35%, n=14) ou responsável científico (25,5%, n=9). Sobre o agressor e a sua posição hierárquica em relação à vítima, as respostas foram diversas, sendo as mais frequentes “alguém hierarquicamente superior” (44,4%, n=16) e “alguém externo à equipa” (38,9%, n=14) (Fig. 6). O agressor era maioritariamente do sexo masculino (79,5%, n=31).

As vítimas de agressão sexual foram igualmente questionadas sobre a denúncia. Não existiam mecanismos de denúncia de assédio pré-estabelecidos em 85,4% (n=35) dos locais de trabalho. Apenas 26,3% (n=10) das vítimas denunciaram a agressão sexual. As respostas qualitativas ajudam a ilustrar algumas das circunstâncias em que ocorre o abuso sexual: “Fui vítima de assédio sexual, em diferentes situações e com diferentes graus de intensidade, desde receber mensagens de cariz sexual, comentários ao corpo, a forma como me vestia. Assim como fui ví-

tima de abuso sexual, não no local de trabalho, mas em contexto de trabalho”. Ou “(...) um colega uma vez colocou a mão na minha perna, no carro, sem eu ter dado qualquer motivo para isso”. Verificam-se também relatos de abuso em meio académico e, sobretudo, com voluntários: “Ouvíamos recorrentemente histórias, trabalho de campo (...) em que se passava tudo. (...) se verificou que realmente há de tudo, álcool, drogas, abusos sexuais com e sem consentimento, humilhações públicas. Efetivamente os superiores, neste caso professores académicos sabem destes acontecimentos e nada fazem (...) deixando os alunos que não possuem maturidade suficiente, entregues a predadores sexuais” e “ (...) em plena escavação um homem (que se considerava numa posição acima dos voluntários) apalpou o rabo de uma das voluntárias. Parece que não houve quaisquer consequências para o perpetrador, nem por parte dos responsáveis da escavação, que se encontravam presentes durante o evento”.

5. DISCUSSÃO

Os resultados deste estudo atestam a existência de um ambiente de trabalho tendencialmente machista, com elevada frequência de episódios de assédio sexual sobre estudantes ou trabalhadores de Arqueologia, tanto em meio académico como profissional, e com mais de 14% dos inquiridos afetados por experiências traumáticas de agressão sexual, em contexto de trabalho/voluntariado em Arqueologia. Essas situações são referidas como estando na origem da mudança de local de trabalho, abandono total do trabalho ou estudos em Arqueologia, problemas na vida pessoal a médio/longo prazo, afetando a saúde mental: “foi-me diagnosticado stresse pós-traumático, ataques de ansiedade e pânico, e às vezes ausência de memória, após um processo de depressão, para a qual tive de ter acompanhamento psicológico”.

Quando sistematizados os resultados dos vários estudos sobre assédio e abuso sexual em ambiente de trabalho em Arqueologia, verifica-se que os resultados obtidos são mais elevados no que respeita ao assédio sexual, comparativamente ao abuso/agressão (Quadro 1). Tal demonstra um problema sistémico no sector arqueológico, com uma normalização de sexismo e assédio verbal, de décadas.

Por outro lado, a forte componente de trabalho arqueológico no âmbito da construção civil – um meio

predominantemente masculino – acaba por subjugar a Arqueologia a práticas generalizadamente aceites neste ambiente laboral.

Seguindo as recomendações globais, as sugestões de Voss (2021a, 2021b), e a experiência adquirida na análise individual e coletiva das respostas submetidas aos questionários, sugere-se que o combate ao assédio inclua três linhas de ação: educativa, preventiva e mitigadora.

A nível educativo, é imperativo falar do sexismo e do assédio sexual como problemas reais em vários domínios e disciplinas científicas em Portugal, nomeadamente na Arqueologia, sensibilizando possíveis vítimas ou agressores. O presente estudo foi o primeiro passo nessa direção, mas não foi um fim em si mesmo. O seu objetivo é diagnosticar e avaliar estes fenómenos, gerar discussão entre arqueólogos e outros profissionais e investigadores, partilhar experiências e contribuir para uma maior consciencialização sobre o assédio sexual em ambientes de trabalho científico.

No âmbito da prevenção, deve ser promovido e exigido o estabelecimento de códigos de conduta nas várias organizações (empresas ou universidades), mas também em centros de I&D, laboratórios, projetos, campanhas de campo e reuniões científicas. A lei portuguesa exige que as instituições com mais de sete trabalhadores disponham de códigos de conduta. Em alguns casos não existem, à revelia da lei; em outros, existindo não são divulgados; ou foram elaborados sem a participação dos trabalhadores.

Finalmente, em caso de assédio as instituições (empresa, laboratório ou centro de investigação) devem ter mecanismos de reação previamente definidos. Estes devem abranger o processo de denúncia, mas também as consequências para o assediador. Acima de tudo, a vítima deve ser sempre protegida e respeitada. Os mecanismos de denúncia devem ser seguros, a sua receção assegurada por mais do que uma pessoa (com contactos diretos via email/telefone), preferencialmente externas às equipas. Estes mecanismos e penalizações para assediadores devem estar claramente expressos nos códigos de conduta.

6. CONCLUSÕES

Este é o primeiro estudo destinado a avaliar a incidência de sexismo, assédio e o abuso/agressão sexuais no trabalho em Arqueologia, em Portugal. Infelizmente, os resultados mostram que estes com-

portamentos e práticas têm incidência muito elevada e alarmante. No fundo, existe escassa consciencialização sobre o tema, grave falta de códigos de ética ou de conduta e opacidade nos canais de denúncia, o que leva ao autossilenciamento por medo de represálias para as vítimas. Os resultados preliminares deste estudo foram já apresentados pelo STARQ num ciclo de palestras dedicado ao papel da mulher na Arqueologia – ArSHEology⁹ organizado pelo Centro de Arqueologia de Lisboa (UNIARQ). Esta apresentação, *eppur si muove*, gerou entusiasmada discussão e reflexão.

Acredita-se que este estudo possa contribuir para colocar o tema em debate entre profissionais, instituições e empresas, incentivando à reflexão, ao estabelecimento de medidas de prevenção ao assédio e abuso sexual em Arqueologia e ampliando a discussão sobre as relações de poder, frequentemente baseadas no género, que ainda pautam a atividade arqueológica em Portugal, em prol de uma prática arqueológica mais segura, justa e igualitária.

BIBLIOGRAFIA

APAV (ASSOCIAÇÃO DE APOIO À VÍTIMA) – O que é a violência sexual? <https://apav.pt/care/index.php/violencia-sexual-contra-criancas-e-jovens/o-que-e-violencia-sexual> (acedido em 26/06/2023).

BOHANNON, Jonh (2013) – Survey finds sexual harassment in anthropology. *Science*. <https://www.sciencemag.org/news/2013/04/survey-finds-sexual-harassment-anthropology> (acedido a 25/06/2023).

CARVALHO, Liliana Matias; SIMÕES, Sara; BRITO, Sara; BUGALHÃO, Jacinta; ROCHA, Miguel; GONZAGA, Raquel; CORREIA, Mauro; BARBOSA, Regis; WARTERLAIN, Sofia N. (no prelo) – When working in Biological Anthropology is sexism a problem? Some clues left by the first survey carried out in Portugal. *In* *Becoming of Age: Ethics and Biological Anthropology in the 21st Century*.

CARR, Phyllis L.; ASH, Arlene S.; FRIEDMAN, Robert H.; SZALACHA, Laura; BARNETT, Rosalind C.; PALEPU, Anita; MOSKOWITZ, Mark M. (2016) – Faculty perceptions of gender discrimination and sexual harassment in academic Medicine. *Annals of Internal Medicine*, 132:11, pp. 889-896.

9. Ciclo ArSHEology – Questões de género no trabalho em Arqueologia: parentalidade, assédio e higiene e segurança no trabalho, em 26 abril de 2022, no âmbito do Seminário “Arqueologia e o Mundo Contemporâneo”, do Mestrado em Arqueologia, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (https://www.youtube.com/watch?v=_XLMrRomPAo&list=PLj2nKAhlUa9ymuT5EH0eEddIJhMIHJPiy&index=4).

- CITE (COMISSÃO PARA A IGUALDADE NO TRABALHO E NA EMPRESA) – Assédio sexual. <https://assedio.cite.gov.pt/o-assedio-no-trabalho/atos-e-comportamentos-classificados-como-assedio-no-trabalho/assedio-sexual/> (acedido em 31/05/2023).
- CLANCY, Kathryn (2012a) – From the Field: Hazed Tells Her Story of Harassment, Context and Variation. *Scientific American*. <https://blogs.scientificamerican.com/context-and-variation/from-the-field-hazed-tells-her-story-of-harassment/> (acedido em 10/07/2023).
- CLANCY, Kathryn (2012b) – Retrograde Reactions: Lady in the Field on the Aftermath of Sexual Misconduct, Context and Variation. *Scientific American*. <https://blogs.scientificamerican.com/context-and-variation/retrograde-reactions-lady-in-the-field-on-the-aftermath-of-sexual-misconduct/> (acedido em 10/07/2023).
- CLANCY, Kathryn (2013) – The Biological Anthropology Field Experiences Web Survey: Now Live, Context and Variation. *Scientific American*. <https://blogs.scientificamerican.com/context-and-variation/the-biological-anthropology-field-experiences-web-survey-now-live/> (acedido em 10/07/2022).
- CLANCY, Kathryn B. H.; NELSON, Robin G.; RUTHERFORD, Julianne N.; HINDE, Katie (2014) – Survey of Academic Field Experiences (SAFE): trainees report harassment and assault. *PlosOne*, 9:7, pp. 1-9.
- COLTOFEAN-ARIZANCU, Laura; GAYDARSKA, Bissierka; PLUTNIAK, Sébastien; MARY, Laura; HLAD, Marta; ALGRAIN, Isabelle; PASQUINI, Béline; VANDEVELDE, Ségolène; STAMATAKI, Elisavet; JANEŽIČ, Poloma; WOUTERS, Barbora; SENDELØV, Amanda (2023) – Harassment, assault, bullying and intimidation (HABI) in archaeology: a Europe-wide survey. *Antiquity*, 97:393, pp. 726-744.
- COTO-SARMIENTO, Maria; DELGADO ANÉS, Lara; LÓPEZ MARTÍNEZ, Lourdes; MARTÍN ALONSO, Jesús; PASTOR PÉREZ, Ana; RUÍZ, Apen; YUBERO GÓMEZ, Maria (2020) – *Informe sobre el acoso sexual en arqueología (España)*. Barcelo, Granada, Madrid.
- EIGE (EUROPEAN INSTITUTE FOR GENDER EQUALITY) – *What is sexism?* -<https://eige.europa.eu/publications-resources/toolkits-guides/sexism-at-work-handbook/part-1-understand/what-sexism>. (acedido em 10/07/2023).
- GRENS, Kerry (2019) – An Archaeology Meeting Finds Itself in the Middle of #MeTooSTEM. *The Scientist*. <https://www.the-scientist.com/news-opinion/an-archaeology-meeting-finds-itself-in-the-middle-of-metoostem-65737> (acedido a 25/06/2023).
- HART, Jeni (2006) – Women and feminism in higher education scholarship: an analysis of three core journals. *The Journal of Higher Education*, vol. 11:1, pp. 40-61.
- HINSLEY, Amy; SUTHERLAND, William. J.; JOHNSTON, Alison (2017) – Men ask more questions that women at a scientific conference. *PlosOne*. 12 (10).
- HOLLERAN, Shannon. E; WHITEHEAD, Jessica; SCHMADLER, Toni; MEHL, Matthias, R. (2011) – Talking shop and shooting the breeze: a study of workplace conversation and job disengagement among STEM faculty. *Social Psychological and Personality Science*. 2:1, pp. 65-71.
- ISBELL, Lynne A; YOUNG, Truman P; HARCOURT, Alexander H. (2012) – Stag parties linger: continued gender bias in a female-rich scientific discipline. *PlosOne*. 7:7, pp. 1-4.
- JAHREN, Hope (2014) – Science’s Sexual Assault Problem. *New York Times*. <https://www.nytimes.com/2014/09/20/opinion/science-has-a-sexual-assault-problem.html> (acedido a 25/06/2023).
- JALBERT, Catherine (2019) – *Archaeology in Canada: An Analysis of Demographics and Working Conditions in the Discipline*. PhD Dissertation, Department of Archaeology, Memorial University of Newfoundland.
- KABLA-LANGLOIS, I. (2016) – Les inégalités femmes/hommes dans l’insertion professionnelle des diplômées de master. *Note d’information n°6. Ministère de Éducation Nationale de L’Enseignement Supérieur de la Recherche*.
- KILGROVE, Kristina (2019) – My resignation as chair of the SAA media relations committee. *Powered by Osteons*.<https://www.poweredbyosteons.org/2019/04/my-resignation-as-chair-of-saa-media.html> (acedido a 25/06/2023).
- KOMAROMY, Miriam; BINDMAN, Andrew B; HABER, Richard J; SANDE, Merle A. (1993) – Sexual harassment in medical training. *The New England Journal of Medicine*. 328:5, pp. 322-326.
- MARY, Laura, PASQUINI, Béline; VANDEVELDE, Ségolène (2019) – Le sexism en archéologie, ça n’exite pas- *Canadian Journal of Bioethics / Revue canadienne de bioéthique*. 2:3, pp. 215-242.
- MCGUIRE, Krista L; PRIMACK, Richard B; LOSOS, Elizabeth C. (2012) – Dramatic improvements and persistente challenges for women ecologists. *BioScience*. 62:2, pp. 198-196.
- MANN, Susan Archer; HUFFMAN, Douglas J. (2005) – The decentering of second wave feminism and the rise of the third wave. *Science & Society*. 69:1, pp. 56-91.
- MEYERS, Maureen E; BOUDREAX, Tony; CARMODY, Stephen; DEKLE, Victoria; HORTON, Elizabeth; WRIGHT, Alice (2015) – Preliminary results of the SEAC sexual harassment survey. *Horizon & Tradition: the Newsletter of the South-eastern Archaeological Conference*. 57, pp. 19-35.
- MILINIAK, Daniel; POWERS, Ryan; WALTER, Barbara F. (2013) – The gender citation gap in International Relations. *International Organization*. 67, pp. 889-922.
- MITCHELL, Sara McLaughlin; LANGE, Samantha; BRUS, Holly (2013) – Gendered citation patterns in International Relations Journals. *International Studies Perspectives*. 14, pp. 485-492.

MONK, Janice; FORTUIJN, Joos Droogleever; RALEIGH, Clionadh (2004) – The representation of women in academic Geography: contexts, climate and curricula. *Journal of Geography in Higher Education*. 28:1, pp. 83-90.

OSSOLA, Alexandra (2014) – Vulnerable in the Field: Sexual Assault Is Common Among Scientists. The Atlantic. <https://www.theatlantic.com/education/archive/2014/12/vulnerable-in-the-field-sex-assault-is-common-among-scientists/383742/> (acedido a 25/06/2023).

PEREIRA, Maria do Mar (2017) – *Power, Knowledge and Feminist Scholarship: Na etnography of Academia*. London: Routledge.

RADDLE, Hugh D. (2018) – Sexual harassment among California Archaeologists: results of the gender equity and sexual harassment survey. *California Archaeology*. 10:2, pp. 231-255.

SETTLES, Isis H; CORTINA, Lilia .M; MALLEY, Janet, STEWART, Abigail J. (2006) – The climate for women in academic science: the good, the bad and the changeable. *Psychology of Women Quarterly*. 30, pp. 47-58.

SIMMONDS, Anna (2014) – Women scientists sexually harassed during fieldwork. *Nature*. <https://www.nature.com/articles/nature.2014.15571> (acedido a 25/06/2023).

URRY, Meg (2014) – Male scientists, don't harass young female colleagues. CNN. <https://edition.cnn.com/2014/08/09/opinion/urry-women-science/index.html> (acedido a 25/06/2023).

VAN DEN BRINK, Marieke (2015) – Myths about Meritocracy and Transparency: The Role of Gender in Academic Recruitment. In *Personalauswahl in der Wissenschaft*. Springer, Berlin, Heidelberg, pp. 191-201.

VIAENE, Liese Lotte; LARANJEIRO, Catarina; TOM, Miye Nadya (2003) – The walls spoke when no one else would: Autoethnographic notes on sexual-power gatekeeping within avant-garde academia. In *Sexual Misconduct in Academia*. Routledge, pp. 208-225.

WADE, Lizzie (2019) – #MeToo controversy erupts at archaeology meeting. *Science*. <https://www.science.org/content/article/metoo-controversy-erupts-archaeology-meeting> (acedido a 25/06/2023).

WRIGHT, Robin (2008) – Sexual harassment and professional ethics. *The SAA Archaeological Record*. 4, pp. 27-36.

VOSS, Barbara L (2021a) – Documenting cultures of harassment in archaeology: a review and analysis of quantitative and qualitative research studies. *American Antiquity*. 86:2, pp. 244-260.

VOSS, Barbara L (2021b) – Disrupting cultures of harassment in archaeology: social-environmental and trauma-informed approaches to disciplinary transformation. *American Antiquity*. 86:3, pp. 447-464.

WENNERAS, Christine; WOLD, Agnes (1997) – Nepotism and sexism in peer-review. *Nature*. 387, pp. 341-343.

10) Sabe identificar situações de sexismo?

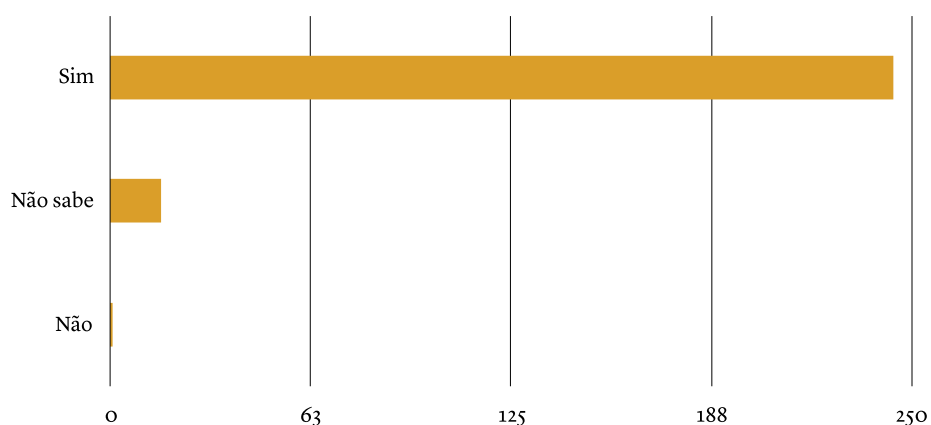


Figura 1 – Respostas sobre a autoperceção de identificação de situações de sexismo.

16) Ambiente laboral sexista, já experienciou?

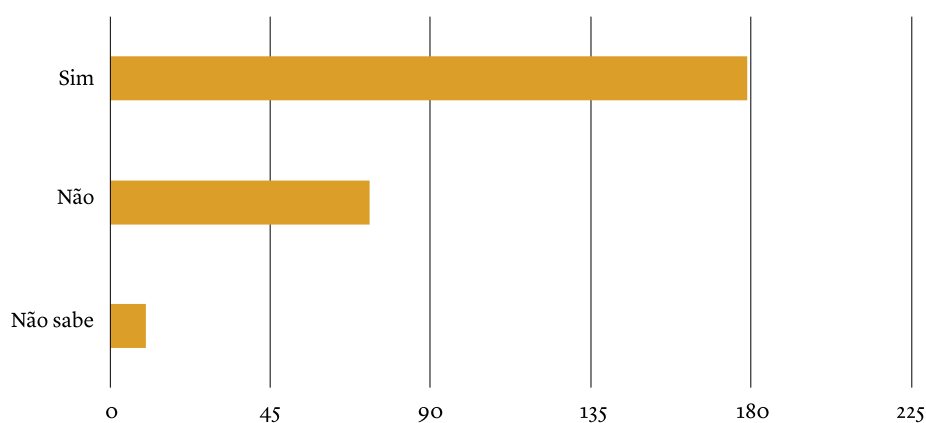


Figura 2 – Respostas sobre a experiência de trabalho em ambiente sexista (o número de cada gráfico corresponde ao número da questão no inquérito).

18) Assédio, já experienciou?

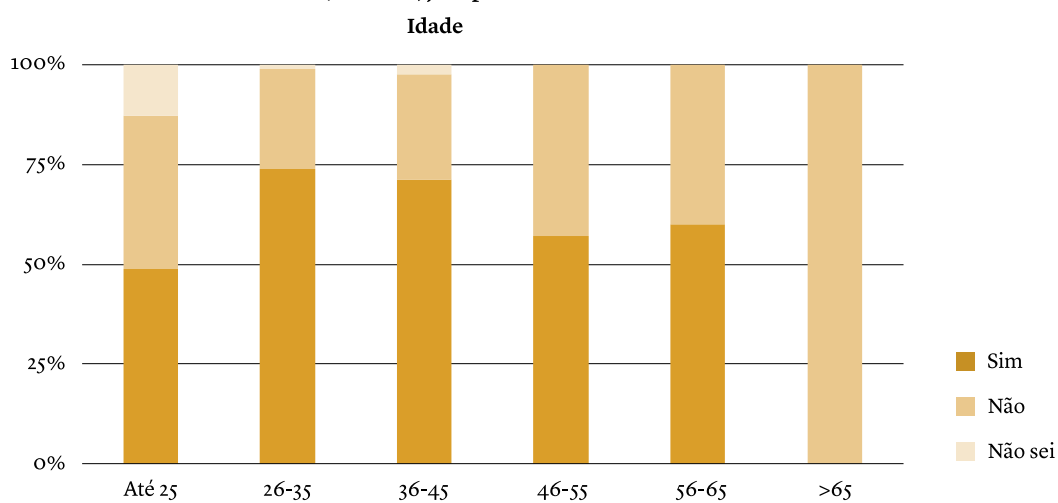


Figura 3 – Respostas sobre a experiência de assédio sexual em ambiente laboral, por idade.

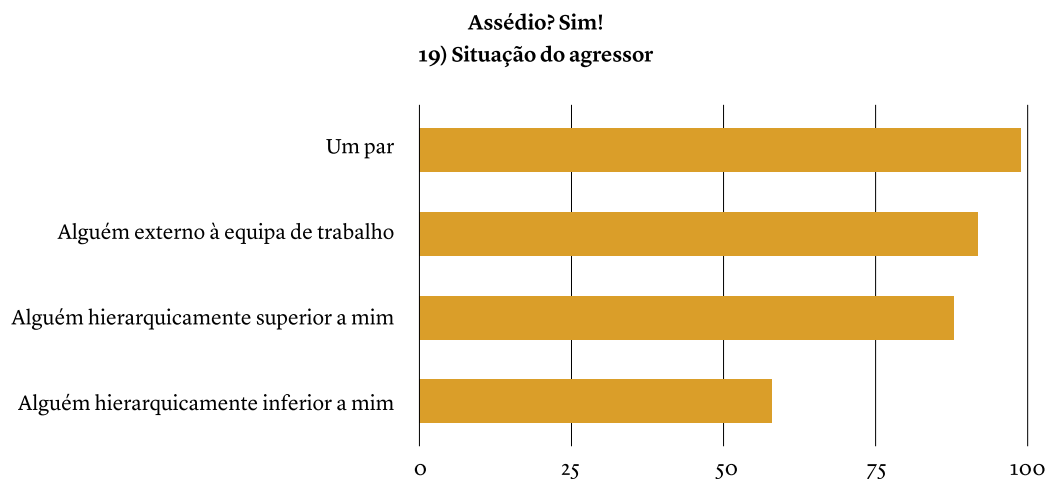


Figura 4 - Respostas sobre a situação hierárquica do autor de assédio sexual em relação à vítima.

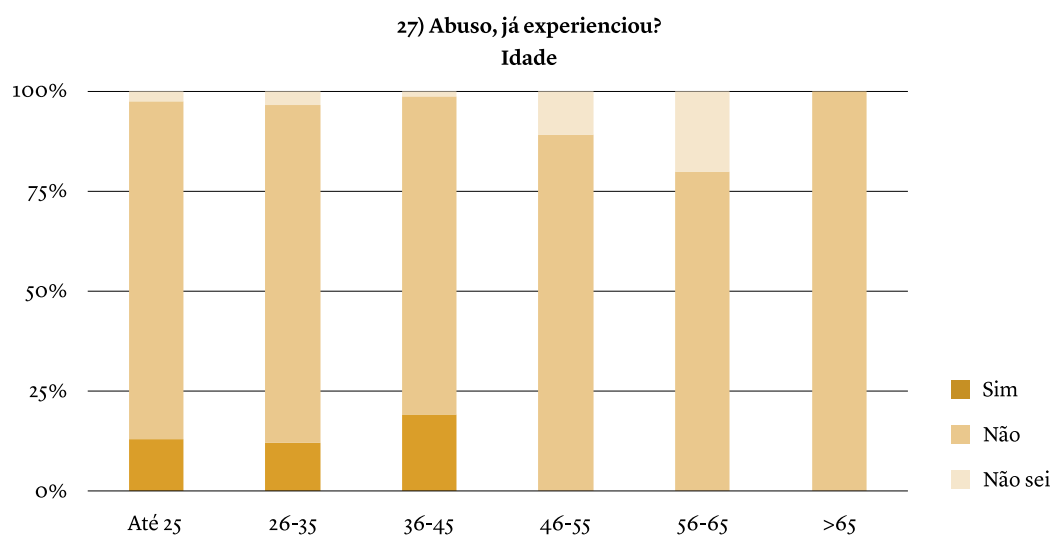


Figura 5 - Respostas sobre a experiência de abuso sexual em ambiente laboral, por idade.

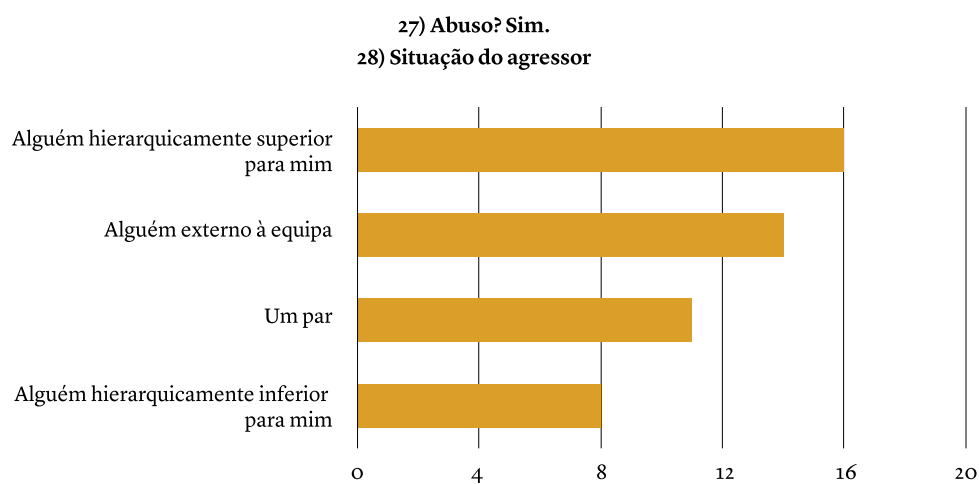


Figura 6 - Respostas sobre a situação hierárquica do autor de abuso sexual em relação à vítima.

Estudo	Tipo de assédio	Total (%)	Homens (%)	Mulheres (%)
Survey of academic field experiences (Clancy & alii, 2014)	Assédio sexual	64	40	70
	Abuso Sexual	21,7	6	70
Southeastern Archaeological Conference (Meyers & alii, 2015, 2018)	Assédio sexual	68	46	75
	Abuso Sexual	13	8	15
Gender equality and sexual harassment (Raddle, 2018; VanDerwarker & alii, 2018)	Assédio sexual	39	19	51
	Abuso Sexual	12	5	19
Acoso sexual en Archaeología (Coto Sarmiento & alii, 2019)	Assédio e abuso sexual		15	51
Archaeology in Canada (Jalbert, 2019)	Assédio sexual	25	16	78
STARQ - Antropólogos Biológicos (Carvalho & alii, no prelo)	Assédio sexual	47,4	38,5	50
	Abuso Sexual	12,3	7,7	13,6
STARQ - Trabalhadores em contextos arqueológicos	Assédio sexual	40,6	23,4	50,6
	Abuso Sexual	14,4	10,4	19,1

Quadro 1 - Estudos sobre sexismo e abuso sexual, com base em inquéritos, em Arqueologia e Antropologia Biológica.



AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

MAC
MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO

 **REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA**

1290 

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE D
COIMBRA


INSTITUTO
ARQUEOLÓGICO E
ETNOLÓGICO
DIREÇÃO - FACULDADE DE LETRAS - UC
PALÁCIO DE SUB-RIPIAS


**CENTRO DE
ESTUDOS INTERDISCIPLINARES**
CEIS30 | Universidade de Coimbra

 **Centro de Estudos
em Arqueologia,
Artes
e Ciências do Património**
UI&D 281

fct
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia
UIDB/0046/2020

Apoio Institucional:

**PATRIMÓNIO
CULTURAL**
Departamento do Património Cultural

 **MUSEU NACIONAL
DE MACHADO DE CASTRO**

Coimbra

 **seminário
maior de coimbra**